



desencurvando o arco-íris (VII)

gabriel bicalho
{mariana-mg}

saber dos poemas que faço
como das tribos futuras
sabe a caverna o cansaço
do homem riscando figuras

como o pintor sabe o traço
na execução das pinturas
sabe o músico o compasso
a dividir partituras

saber dos poemas que faço
como saber de esculturas
como se arrancando um braço
da Vênus sem composturas

sabe o pássaro no espaço
como dominar solturas
sabe o leitor do mais crasso
dos erros e das censuras

saber dos poemas que faço
como quem sabe medidas
como cigarros no maço
como das falas seguras

sabe um homem do fracasso
como das lutas mais duras
sabe a faca por ser aço
como ligas ficam puras

como o bezerro no laço
sabe do corte as agruras
sabe o vaqueiro no passo
o peso em morte que apuras

saber da ferida o inchaço
como saber de outras curas
como da bomba o estilhaço
sabe na carne rupturas

saber dos poemas que faço
como quem sabe escrituras
como de um último abraço
como a cair sepulturas

saber dos poemas que faço
como dom arte ou loucuras
como se Deus lerdo e lasso
despencando das alturas!

Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha

⇒Praça Gomes Freire, 242 - Centro - Mariana/MG /// Fone: 0 (XX) 31 - 3557-2475



Escritores Nacionais em Mariana



Academia de Letras do Brasil-Mariana-MG, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci-MG reuniram Escritores Nacionais, de destaque, em Mariana.

No dia 21 de maio de 2011, sábado, a Academia de Letras do Brasil – Mariana, Aldrava Letras e Artes e o Instituto Brasileiro das Culturas Internacionais – InBRasCI - MG, realizaram reunião solene no auditório do ICHS/UFOP, com apresentação da palestra “As mulheres na vida e na obra de Eça de Queirós”, proferida pelo médico, escritor e Vice-Presidente da União Brasileira dos Escritores-RJ, Dr. Luiz Gondim. Além dos acadêmicos, a reunião da ALB-Mariana, da Aldrava Letras e Artes e do Instituto Brasileiro das Culturas Internacionais-InBRasCI - MG trouxe à Primaz de Minas Gerais, para receberem honrarias pelos trabalhos desenvolvidos em prol da cultura, diversas personalidades da área literária e cultural do país, dentre os quais: o Presidente Emérito da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, Dr. Luiz Carlos Abritta; o Ex-Presidente da UBE-RJ, acadêmico Edir Meirelles; a Presidente em Exercício da Academia Letras Rio-Cidade Maravilhosa, Dra. Beatriz Rosa Dutra; a Presidente da Associação Brasileira de Médicos Escritores, Dra. Juçara Valverde; O Vice-Presidente da Academia Pan-Americana de Letras, Ciências e Artes, Luiz Poeta; a Presidente da Academia Brasileira de Trova, Dra. Messody Ramiro Benoliel; a Presidente do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais, Dra. Marilza de Castro; a Presidente do Clube dos Escritores de Ipatinga, Dra. Nena de Castro; o Presidente da Associação Mineira de Imprensa, Wilson Miranda; a Vice-Presidente da Academia JuizForana de Letras, Creusa Cavalcanti; a Diretora Secretária do SIAPEMG (Sindicatos dos Artistas Plásticos Profissionais do Estado de Minas Gerais), Evanice Schmidt; o Presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos de Minas Gerais, Valdez Maranhão; o Membro Honorário da ALB-Mariana, Affonso Augusto Moreira Penna Bisneto; o Prefeito Municipal de São Gonçalo do Rio Abaixo, Raimundo Nonato Barcelos e autoridades que incentivam a Cultura e a Educação em Minas Gerais, Maria Célia Martins Bicalho (Secretária de Cultura e Turismo de São Gonçalo do Rio Abaixo), Miriam Stella Blonski (Diretora do Centro Cultural de São Gonçalo do Rio Abaixo), João Vítor Dias (Assessor Cultural) e Sebastião Fonseca e Silva (Membro Efetivo do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais-MG em Santa Bárbara).

O evento foi abrilhantado com a presença honrosa do Presidente da Arcádia de Minas Gerais, Dr. Gilberto Madeira e o Presidente da Academia Mineira de Medicina, Dr. Marco Aurélio Baggio. Ainda, participaram com apresentações musicais: o Acadêmico e Tenor, Marzo Sette Torres acompanhado pelo Maestro, Adilson Garcia; a Acadêmica Beatriz Dutra e a Dra. Messody Ramiro Benoliel, ambas acompanhadas pelo Maestro Ararypê Silva.

No encerramento, os poetas aldravistas, Gabriel Bicalho, Andreia Donadon Leal, J.S.Ferreira e J.B.Donadon-Leal, lançaram o livro *GERMINAIS - Aldravias (nova forma poética)* e, em seguida, foram agraciados com a placa da Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Rio Abaixo, “pelo meritório trabalho desenvolvido em prol da Cultura, Letras e Artes, nos onze anos de produção, divulgação e criação do Movimento Aldravista, da Aldrava Letras e Artes e do Jornal Aldrava Cultural”.

A Academia de Letras do Brasil-Mariana, a Aldrava Letras e Artes e o InBrasCI-MG, nessa reunião, reafirmam suas vocações de tornarem Mariana em um pólo irradiador de cultura, na promoção de intercâmbios com instituições e pessoas que promovam as produções artística, literária, jornalística e educacional.

21 / 05 / 2011
flashes

feita
fotos



JOGO DE ALDRAVIAS

{ Via: e-mails } ~~~Tema: RIO ~~~~

Ímpares: AFONSO GUERRA-BAIÃO

{ Curvelo-MG }

Pares: GABRIEL BICALHO

{ Mariana-MG }

01

rio
som
sombra
assombra
são
arrepios

02

quantos
náufragos
nos
assustam
beira
rio?

03

apenas
sem
eira
nem
beira
rio

04

fio
d'água
que
nem
beira
rio?

05

beira
de
mágoa
sem
fundo
rio

06

apenas
fio
sem
rio
curto
pavio?

07

olho
fundo
afora
rio
adentro
mágoas

08

mágoas
levadas
pelas
águas
do
rio?

09

olhos
lavados
por
rio
de
mágoas

10

são
mágoas
que
rio
beirando
rio?

11

olho
fundo
vau
de
raso
rio

12

olho
caolho
molhado
olhando
teu
rio?



Computadores, acessórios, manutenção e rede. Fone: 0-31-3832-1462
Av. Castelo Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.



TRANSAMÉRICA FM 92,5
 (031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082
 SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS



Protesto Aldravista

J. B. Donadon-Leal
 Pós-Doutor em Análise
 do Discurso / UFOP
 jbdonadon@hotmail.com

No domingo dia 07 de agosto de 2011, Mariana viu um protesto diferente: silenciosos caixotes de madeira foram colocados nas praças com livros e uma mensagem dos poetas aldravistas: *patrimônio abandonado - cultura no lixo*. Os caixotes foram colocados às sete horas da manhã, na Praça da Sé, no Terminal Turístico, na frente da Igreja de São Francisco de Assis, no busto de Gomes Freire, na Praça Gomes Freire e no Largo de São Pedro.

Às oito horas, o caixote exposto defronte à Igreja de São Francisco de Assis já tinha sido retirado e às nove horas já não estava mais o caixote do Largo de São Pedro. Os demais ficaram expostos até às 21 horas. Não conseguimos apurar quem efetuou a retirada dos caixotes, se a guarda municipal ou os seguranças das igrejas. De qualquer forma, aqueles que retiraram os caixotes demonstraram incompreensão ao protesto e boicote à Arte e à Cultura, em Mariana.

O que motivou a elaboração do protesto foi o descaso das autoridades culturais e educacionais de Mariana pela produção intelectual do Grupo Aldravista. O "patrimônio abandonado" são os escritores, artistas visuais e músicos que residem em Mariana, mas não têm chances nos eventos promovidos pelo poder público que paga altas somas para trazer artistas de fora, palestrantes de fora, oficinairos de fora, e os "pratas da casa" não são convidados, nem têm seus projetos aprovados para desenvolvimento nos eventos do calendário anual do município ou dos seus parceiros.

Os aldravistas, nos últimos anos, são responsáveis pela maior divulgação do nome de Mariana no cenário nacional e internacional, através de sua relevante produção literária, de artes visuais e de projetos de incentivo à leitura com premiações nos mais conceituados concursos, entre eles o primeiro lugar de Gabriel Bicalho no *Prêmio Literatura Para Todos*, em 2006, com o livro *Caravela - redescobrimientos*, que teve edição de 600 mil exemplares distribuídos em todas as escolas de todos os países de Língua Portuguesa; o primeiro lugar de Deia Leal, com a tela *Revolta da Mata*, no *Concurso Internacional de Artes Plásticas Antonio Gualda*, em 2006, em Granada / Espanha e dois terceiros lugares no mesmo concurso no ano de 2008 e com tela no acervo do Museu Internacional de Arte Contemporânea do México. Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, JS Ferreira e eu, também, vencemos vários concursos literários de Poesia, Contos e Crônicas nos últimos anos e também fomos recebidos como Membros pela Academia de Letras e Artes de Portugal, condecorados pela Academia de Letras e Artes de Paris

e eleitos membros de várias Academias de Letras e Artes brasileiras.

Os aldravistas desenvolveram projetos importantes para o incentivo à leitura, oferecendo oficinas de haicais em Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Santa Bárbara, São Gonçalo do Rio Abaixo e Ipatinga e saraus e palestras nessas cidades e em Montes Claros, Uberlândia, São Paulo e Rio de Janeiro. O *Projeto Poesia Viva - a poesia bate à sua porta* proporcionou a distribuição gratuita de mais de 10 mil livros nas periferias das cidades da região de Mariana, Santa Bárbara, Barão de Cocais e São Gonçalo do Rio Abaixo; trabalho reconhecido em 2009, pelo Ministério da Cultura, Ministério da Educação e Fundação Santillana, da Espanha, com o maior prêmio a projetos de incentivo à leitura existente no Brasil, o Prêmio VIVALEITURA.

Os aldravistas são responsáveis pela criação da Academia de Letras do Brasil - Mariana e pela implantação, em Mariana, da seção mineira do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais, instituições que trouxeram a Mariana dezenas de escritores, em 2009, 2010 e 2011, para proferirem palestras e tomarem contato com a literatura e a Arte de Minas Gerais, produzidas nesta região.

Fato marcante da história literária brasileira foi o lançamento, em dezembro de 2010, de uma Nova Forma de Poesia - Aldravia - criação dos aldravistas de Mariana, cuja repercussão já contagiava a produção literária brasileira. A Aldravia, poema com formato contemporâneo, de seis versos univoculares, marca o fim de um longo período de jejum de criação de novas formas literárias. Em setembro próximo, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, será lançado o livro *Cinco Vozes*, composto por cinco grandes escritores da União Brasileira de Escritores - RJ: Edir Meirelles, Juçara Valverde, Luiz Gondim, Marcia Barroca e Messody Beniel. Em março de 2012, na Feira do Livro de Paris, será lançado o livro *Escritores Contemporâneos de Minas Gerais*, edição bilíngue (francês e português), organizado em Mariana pela aldravista Andreia Donadon Leal. Em Novembro de 2011, a Aldravia Letras e Artes em parceria com a Academia de Letras do Brasil - Mariana lançará o livro *Lumens*, coletânea de textos de quarenta destacados escritores nacionais.

Como se vê, os poetas aldravistas continuam a promover o nome da Primaz de Minas Gerais mundo a fora, no entanto, continuam sem reconhecimento pelo poder público de Mariana, que tem se dedicado razoavelmente bem à preservação do patrimônio material, mas tem se esquecido do patrimônio mais valioso desta terra - o seu patrimônio humano. O povo de Mariana e os turistas merecem aplausos dos aldravistas, pois compreenderam o protesto exposto nos caixotes distribuídos nas praças e demonstraram carinho e solidariedade aos que desejam produzir Arte em Mariana.



Caixote na Praça Gomes Freire

**PATRIMÔNIO
 ABANDONADO
 CULTURA
 NO LIXO**



Largo da Igreja de São Pedro



Terminal Turístico de Mariana



Catedral da Sé de Mariana



Igreja de São Francisco de Assis

Encerramento da Exposição Protesto {às 21 horas}

Os poetas aldravistas continuam a promover o nome de Mariana mundo a fora, no entanto, continuam sem reconhecimento pelo poder público de Mariana, que tem se dedicado à preservação do patrimônio material, mas tem se esquecido do patrimônio mais valioso que esta terra tem - o seu patrimônio humano. O "patrimônio abandonado" são os escritores, artistas visuais e músicos que residem em Mariana, mas não têm chances nos eventos promovidos pelo poder público. Pagam altas somas para trazerem artistas de fora, palestrantes de fora, oficinairos de fora, e os "pratas da casa" não são convidados, nem têm seus projetos aprovados. O povo de Mariana e os turistas merecem os aplausos dos aldravistas, pois compreenderam o protesto exposto nos caixotes distribuídos nas praças e demonstraram carinho e solidariedade aos que desejam produzir arte em Mariana.



Encerramento da Exposição Protesto



Caixote na Praça Gomes Freire



Terminal Turístico de Mariana



Catedral da Sé de Mariana





HOMERO - O LIRISMO DA TRAGÉDIA

Lázaro Barreto
(Divinópolis-MG)

O mundo é uma bola:
é como se apanhado em circulares redomas
subisse e descesse na observação, distanciando
e aproximando nas proporções;
como se o tempo, igualmente fatiado
em luzentes círculos
fosse apagando e acendendo na observação,
aproximando e distanciando nas proporções:
assim enfim chegamos à terra dos deuses
eternos que aos pobres mortais impingem
a triste, a descuidosa existência em tantos
vaporosos milênios,
em tantas saqueadas regiões nos milênios...
Homero Homero
é mero vate da póstera glória de Helena
que autocadelou-se
no impensado amor de Paris,
mas que erétil e pomposa prelibou a glória
de no futuro ser a estrela
mais rútila da constelação
do mais rútilo dos rapsodos...
Helena Helena
filha de Zeus e de Leda, que causou anos e anos
a mais encarniçada guerra da antiguidade;
outras divas e musas brilharam
no simultaneamente lírico e épico estro
dos poetas exemplares:
Afrodite Tétis Calipso Nausicaa Arete Hecuba
Andrômaca Brizeida Penélope ah Penélope!
Ao poeta cabia lapidar os versos,
aos deuses, formatar os heróis...
Pois que Zeus nos confins da alma terra
criou e recriou o leito sexual acima do chão
na erva florida do loto raciado e virente
do açafraão prazenteiro e jacinto em alfombra
para assim acariciar
e ser acariciado por Alcmena
Sêmele Dánae Demeter Hera
e quantas outras de flamantes anelos...
Hermes foi outro que não se eximia
e nos bastidores escolhia as jovens bailarinas
(Polimela que o diga do arfar e do transcender)
do brindado coral de Ártemis...
Helena Helena
irmã de Clitemnestra, outra bisca,
esposa de Agamenon
que por sua vez era irmão de Menelau,
o traído esposo de Helena,
mão ceifadora das gerações...
Já Penélope
dona da arte de criar filhos e fios,
sempre a tecer o manto da abstinência...
Já Pandora, também tecelã,
com a fatídica boceta,
aluna da Atena fiandeira, e também Ariadne,
mestre na arte da tapeçaria:
todas ocupadas em defender a feminil fenda

(como diria Freud milênios depois),
a fonte da vida e do prazer...
E as Parcas? quem ignora a que
afinal de contas trama nossos destinos?
Homero Homero
a orquestração da Ilíada não é tão lírica,
é mais épica do que a da Odisséia...
Amor e ódio no entanto estão de braços dados
para matar, para morrer:
viver é então agonizar?
Heitor e Aquiles lutam como se cantassem
como se dançassem
como se copulassem voando voando
para depois rastejar na grama
como aeroplanos de brinquedos...
Na pugna das cercanias de Tróia
até o fogo era sólido (feria antes de queimar)
toda a carne era pétrea, férrea:
o sangue coagulado, puro cerne.
“Adora os deuses, ame sua mulher, defenda
sua pátria” —
era esse o ditado em todos os cadernos.
A matança indiscriminada na multidão
o sabre a furar a torto e a direito
na dança ritual dos cadáveres na praia
como banhistas amontoados nas praias
de hoje...
Heitor de um lado
Aquiles do outro
Apolo no meio
a carnificina em torno!
Era um campo de colheita de defuntos:
melancias no alto dos pés de cana de milho:
assim eles eram, assim eles estavam
os produtores de órfãos e de viúvas...
E Ulisses: um canalha em Tróia,
um bom moço no regresso à Ítaca?
E Príamo? nenhum brilho em seu brio?
Ele e Hécuba, depois da queda, intramuros:
o homem no mundo ficou só
e mal acompanhado.
E o amor à vida, onde estava?
Cada guerreiro não passava de saco
de merda e catarro?
Nenhum espírito neles,
nenhuma alma?
E a sensibilidade de cada um,
onde estaria no calor da refrega?
Cada murro era um coice,
cada grito era um urro:
no frigidar dos tímpanos, as labaredas
escreviam no ar a palavra MORTE...:
tantos deuses, meu Deus, para quê?
Zeus, como o gato no quintal,
espantava os passarinhos
no simples vôo da águaia
os torvos presságios da vinda

dos titânicos inimigos;
ao ancião exímio nas artes dolosas
o leão e a pantera
e as águas em pé e deitadas
obedecem cegamente;
às vezes era preciso fazer as vezes
de um morcego
e atracar-se a uma figueira para salvar-se
dos ventos funestos da funesta Caribde;
as sereias e outras peripécias
(se resistes às tentações como Ulisses resistiu
— teria dito Gide ou Wilde —
não quer dizer que és forte como Ulisses,
mas quer dizer, sim,
que suas tentações são débeis);
até que chega o momento do esperado repasto,
quando as mãos estendem
para alcançar as viandas...
Às vezes é preciso humanizar o mimetismo,
camuflar as aparências, enganar os algozes...
Mas que é duro é:
reconhecer que entre as criaturas
que andam e rastejam
não há nenhuma mais mísera que o homem...
É por isso que os deuses
quando querem destruir um ser humano,
primeiro o enlouquece,
tal como diante de Telêmaco os que
“em convulsões estorciam-se, rindo com rostos
estranhos”? (1)....
Pois foi lá no Monte Parnaso
que um porco do mato
mordeu a perna de Ulisses,
para o gáudio e o estupor
das musas amoitadas...
Pois foi no veraz vexame da volta ao lar
que seu coração,
como um cão danado,
ladrava em saltos
dentro do peito constrangido...
Pois na armadura de Aquiles constava,
emblema:
“o firmamento, o sol claro, a lua redonda”
(2)....
Pois lá de vez em quando
um herói seria recompensado,
assim que da família de Príamo
o caçula Eneias sobrevive
e se faz ao mar
e lá vai inspirar Virgílio
na igualmente bela Eneida
já com os ares da língua romana.

Referências:

(1) e (2): respectivamente dos livros ODISSEIA e ILÍADA,
de Homero, tradução de Carlos Alberto Nunes, editora
EDIURO, São Paulo, SP.



LOJAS AMOR EM PEDAÇOS / REDE ⇨ FONES: 3557-1446 ⇨ 1399
⇨ 3299 e ⇨ 2597.
RUA FREI DURÃO, 216 - 226 - 232 e 238 = MARIANA/MG.



Tarde Perfumada

Juçara Valverde
(Rio de Janeiro-RJ)

Bolo é o da mamãe.
Aquele que você mistura três ovos
às três xícaras de açúcar
e bate, bate, bate,
bate até a massa ficar branquinha.
Então, comece a mexer
aos pouquinhos
as três xícaras de farinha de trigo.
Cuidado para não encaroçar.
Vá derramando o leite do copo
com uma colher de sobremesa
de fermento em pó Royal.
Não pare de mexer.
Espere as bolhas querendo fugir da massa.
Lembre-se da colherinha de chá
de baunilha para perfumar.
Complete a receita com raspinhas
de nós moscada para valorizar o sabor.
Massa de bolo pronta!
Quando estiver assando em forno quente,
prepare-se para lembranças.
Ressaboreando
as raspar da massa crua da tigela
ou ao sentir o aroma
de bolo invadindo a sala,
como nos lanches das tardes em casa.
Assim, como quando era degustado
ainda quente
com café com leite,
olhando o balançar das folhas
da mangueira do quintal.

Re... sentimentos

Luiz Poeta
Luiz Gilberto de Barros
(Rio de Janeiro-RJ)

Eu sinto muito não sentir o que tu sentes,
os sentimentos são desejos abstratos;
a forma é viva, mas a essência dos retratos
Sempre registra sentimentos inocentes.

Eu sinto muito não amar como tu amas;
em cada chama a energia se propaga.
Se tu te feres na pureza de uma adaga,
tu te propagas no teu grito que reclama.

Eu sinto muito não sentir teu sentimento,
folhas no vento mostram a fragilidade
do galho seco, mas se a planta se renova,

e a poesia também mostra que o momento
nem sempre é feito de tristeza onde a saudade
invade a dor, quando o amor não mais a prova.

HAI-KAI

J.S.Ferreira
(Mariana-MG)

Entre o milharal
o tenor da natureza:
canta o sabiá.

Aldravia

Amelia Marcionila Raposo da Luz
(Parapetinga-MG)

je
suis
la
femme
discrète...
silence!

O amor tem seus tropeços

Lybio Ribeiro de Magalhães
(Rio de Janeiro-RJ)

O amor tem seus tropeços, minha amiga;
às vezes, ao compor minha cantiga,
torno-me reincidente, confessando;
mas, se tropeço, incido em desalinho,
carente de ternura, de carinho...
Amar a gente aprende, soletrando...

Nem sempre a vida é aquilo que se vê!
Contudo, se me ocorre ver você,
minhas angústias vão se dissipando;
mas, se gaguejo, minha timidez
reverberando de forma soez,
querida, eu levo a vida soletrando.

Não posso conjugar o ceticismo!
Cheguei à conceber um eufemismo,
com a gagueira voraz me solapando.
Quem sabe se consigo, algum dia,
evanescente, nas asas da poesia,
calar minha saudade, soletrando.

Meu coração, querida, não tem jeito!
O amor que não se cala no meu peito,
discreto, me impõe mutismo, arquejando,
sintomatologia de loucura;
por que não solfejar tanta ventura,
dizendo que te amo, soletrando?!

Non Sense

Clevane Pessoa
(Belo Horizonte-MG)

boçais não fazem bonsais
nem versos *non sense*

não-poetas que fazem haikais
não desenham Poesia
e fazer versos
nem pense

nem sempre faz um Poeta
quem é apenas esteta
ou sabe fazer alegoria
paródia ou sonetinho

:
metrifica às vezes
mas nada cria
que sacuda o universo
com ondas de energia!

mãos desunidas

Luiz Otávio Oliani
(Rio de Janeiro-RJ)

não serei o poeta do passado
embora dele me alimente
canto o presente
que Drummond não vê
nada de serafins
cartas de suicida
- os homens aterraram
a palavra amor
num canteiro de obras
as mãos desunidas
traduzem: os espinhos
inda sufocam as flores

Boas Festas Pasciais!!!

Ninita de Assis
(Mariana-MG)

Mesmo estando distantes por terra
nada impede
que o nosso pensamento voe
ao encontro de nossos amigos.

Não importa se voamos sós:
o importante é saber voar.

Somos Felizes
quando compartilhamos
da felicidade de outros!



ALDRAVIAS

{ as linguagens líquidas do poema }

Magna Campos / Mariana-MG

MESTRE em LETRAS: Discurso e Representação Social (UFSJ)

A modernidade líquida, termo cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman para nomear a era atual, denominada por alguns de pós-modernidade e por outros de hipermodernidade, é a fase em que tudo aquilo que era sólido e estático se derreteu ou está se derretendo, não para formar novos sólidos – já que não se prende ao tempo e não se fixa espaço – mas para fluir liquefeito pelas novas vias que se lhe apresentam ou que vão sendo configuradas numa sociedade que se transmuda a todo instante.

A metáfora da liquidez advém da observação de que:

“os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’”. (BAUMAN, 2001, p.8) Grifos do autor.

É essa extraordinária mobilidade dos fluidos que os associa à ideia de leveza. Pois, é possível associar leveza à mobilidade e à inconstância. Dessa forma,

“descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados - ficam molhados ou encharcados.” (BAUMAN, 2001, p.8) Grifos do autor.

Sendo assim, a metáfora do líquido é escolhida por Bauman para designar a nossa era, uma vez que capta a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras na história da modernidade. Uma fase em que tudo é fugaz, transitório, múltiplo, heterogêneo e fragmentado.

O sinal digital que fluidifica espaços e bits os transmite em questões de segundo passa a ser o exemplo máximo da inexorabilidade do espaço e da presencialidade do agora em nossas vidas.

Nessas configurações, no século XXI, a produção artística e suas linguagens também estão submetidas a esses imperativos socioculturais, nos quais a incerteza e a transitoriedade atravessam-na. Na liquefação, desvanece a distinção entre o novo e o conhecido, e o gesto de criar e de destruir passam a fazer parte de uma mesma moeda, já que a ideia de imobilidade aterroriza por decretá-la candidata ao esquecimento e ao abandono.

A ideia da liquidez faz fundir o tradicional e o não tradicional e daí surgir um híbrido que não é um ou outro, mas um e outro ao mesmo tempo, imiscuído numa linguagem líquida e movente. A discussão entre o valor estético de uma obra agora se mescla à função desta obra, sem diminuir-lhe ou agregar-lhe valor. Simplesmente, configuram uma nova sintaxe, que por ser híbrida, carece de novas categorias de análise que se pautem naquilo que une e não naquilo que separa. A singularidade está no hibridismo e não na separação entre a vanguarda e a contemporaneidade.

Há uma tendência das produções artísticas de centrarem-se nos acontecimentos passageiros, por isso efêmeros. E o poema líquido-moderno não contraria essa tendência que é fruto de seu engajamento em seu tempo, ou melhor, nas fragmentações de tempo de nossa era.

Mas o que seria esse poema líquido-moderno?

Talvez, a indefinição seja a melhor das respostas, uma vez que o líquido não permite mais do que conformações momentâneas, antes que assumam nova forma. Mas se poderia tentar designá-la como um poema que consiga envolver as características da liquidez não apenas em sua condição de produção, como também em sua linguagem. Que o seu dizer-fazer seja sua própria definição.

Tem-se assim, em minha opinião, como alguém que tem se dedicado há quatro anos ao estudo da proposta da liquidez, um exemplo máximo dessa sintaxe líquido-moderna aquele que figura no novo estilo poético intitulado, por seus proponentes, de Aldravia.

A Aldravia conceituada no Jornal Aldrava Cultural, onde foi primeiramente publicado, como se tratando de:

“um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que o poema está num beco sem saída. O poema é constituído numa linométrica de até seis palavras-versos. Esse limite de seis palavras se dá de forma ale-

tória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras [...] (DONADON-LEAL, 2010, Nº 88, p. 3)

Já nessa conceituação, podem-se pinçar algumas influências da modernidade líquida na caracterização poética.

Apresenta-se a ideia da condensação da linguagem e das ideias, pois numa sociedade movente, é preciso ser e tornar-se leve, desfazer-se de tudo que atravanque a mobilidade; é preciso “dinamitar” o espaço para ganhar “tempo”, que é sempre escorregadio, que é sempre não mais que um instante.

Também, têm-se a aleatoriedade das palavras e de sua organização, pois as palavras que já se dizia há muito que “desmanchavam-se no ar”, agora “escorrem”, “esvaem-se”, “transbordam” e “inundam” com grande facilidade o texto em que se apresentam.

No encontro de um possível obstáculo “o poema estaria num beco sem saída”, dissolve o poema tradicional e o reconfigura com uma roupagem mais atual.

Outra característica da Aldravia, que proporia como característica líquido-moderna deste tipo de poema, refere-se ao fato de, aparentemente, afastar-se da representação como “fotografia”, que fixa e congela a cena no momento e no espaço, para aproximar-se do vídeo digital, capaz de captar e em milésimos de segundo transformar em movimento, em fluidez. Observe-se essa tendência nas Aldravias a seguir:

se
sol
lá
noite
aqui

Andreia Donadon Leal

salto
de
cova
nascimento
do
artista

Andreia Donadon Leal

sigo
cigano
em
busca
da
poesia

JS Ferreira

Nos poemas acima, as minúsculas e a ausência de pontuação podem “confundir” nossos sentidos, pois não encontramos as habituais marcações de onde inicia – faltam as iniciais maiúsculas, que já nos convenciamos a encontrar no

CONTINUA NA PÁGINA 7...

CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ➔ FONE: 3557-1130 ➔ ➔ ➔

Dras. ELIANE e REJANE BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6...

início de um texto – e faltam os pontos finais – que sinalizariam o seu término. Sinalizando mais para o fluxo e para o entremeio discursivo, do que o início e o fim, propriamente dito.

Além disso, a condensação de significados em poucas palavras evoca a produção de sentidos em caleidoscópio e não na linearidade, pois alude ao movimento e não a estaticidade de uma cena. Diria que condensam linguagens do tempo, fluidificando imagens, fotos, em fluxos contínuos. Fluxos de signos.

Condensação propositadamente aludida em:

aldravia
meu
verso
universo
em
poesia

Gabriel Bicalho

É deixada ao leitor a provocação e não a mensagem. Por isso, um poema metonímico e não metafórico. A abertura final é parte de sua concepção.

Aliás, a metonímia também seria uma ideia bastante apropriada para a era líquido-moderna, uma vez que a fragmentação se apossou das pessoas, do tempo e dos espaços. Pois como propõe o próprio Bauman, no livro *Identidade*, ter uma identidade fixa hoje, nesse mundo fluído, seria de certo modo uma decisão suicida. Estamos na era da construção múltipla de eus. E novamente, ilustro essa fragmentação com outra aldravia:

minhas
porções
diárias
metonímias
de
mim

J.B. Donadon-Leal

A novidade aqui não está, apoiando-me em Santaella (2007, p.97), no fato da identidade ser múltipla, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. A novidade está, isso sim, em tornar essa verdade evidente e na possibilidade de encenar e de jogar com ela até o limite máximo da transmutação.

É a nudez do poema como “supersigno” da linguagem que me parece buscar-se na modernidade líquida. Nesse contexto, a Aldravia parece despir-se diante dos olhos do leitor, para recompor-se em sua mente. Para daí, novamente desmanchar-se, fluir num movimento incessante.

Esses poucos exemplos servem para apontar, ainda que modestamente, o quanto a linguagem é versátil e o quanto as condições socioculturais e históricas fazem parte da instauração de cada “novo” discurso, seja ele poético ou não.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Editora Zahar, 2001.

_____. *Identidade*. São Paulo: Editora Zahar, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

DONADON-LEAL, J. B. “Aldravia – nova forma, nova poesia” In: *Jornal Aldrava*. Mariana, ano XI, n. 88, dez./2010:03.

“Aldravias”. In: *Jornal Aldrava*. Mariana, ano XI, n. 88, dez./2010.

Renovando a Arte: o Movimento Aldravista

Rodrigo Corrêa Martins Machado

Mestrando em Literatura pela
Universidade Federal de Viçosa / MG

Em 2000, foi lançado em Mariana, interior de Minas Gerais, o *Jornal Aldrava Cultural*, que marca o início do movimento aldravista. O objetivo dos artistas que aderiram à produção da Arte aldravista era (e é) a criação de uma arte mais livre, sem as amarras impostas pela academia ou pela crítica elitista. Esta forma artística buscava (e busca) criar e ousar na produção de novos conceitos nas artes plásticas e literárias.

Segundo J.B Donadon-Leal (que é um dos artistas aldravistas): “Aldravismo vem de aldrava, termo que designa o utensílio com o qual se bate nas portas para que estas sejam abertas. Assim, o aldravismo pode ser caracterizado pela arte que chama atenção, que insiste, que abre portas para as interpretações inusitadas dos eventos cotidianos, em relatos daquilo que só o artista viu.”

A explanação feita acima deixa claro que a produção aldravista se debruça sobre o leitor, ou seja, é uma produção que visa o contato com o receptor, aquele que lê, que sente, que interpreta, cria expectativas e que, realmente, dá vida à Arte. Dentro desse contexto, vale ressaltar que os poetas e artistas participantes desse movimento têm um importante papel social, uma vez que vão de casa em casa, batem às portas, pedem para entrar e ao penetrar nas casas, levam consigo a arte, a poesia. Eles levam poesia às casas das pessoas, semeiam a arte Aldravista nos lares e proporcionam às pessoas o desfrutar da poesia e, por que não?, formam novos leitores.

“Arte aldravista é metonímica, pois não tem a pretensão de mostrar uma totalidade; contenta-se em apresentar um indício, uma metonímia.” O grupo aldravista criou uma nova forma poética, chamada Aldravia: “Trata-se de um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que a poesia está num beco sem saída. Essa forma nova demonstra uma via de saída para a poesia – aldravia. O Poema é constituído numa linométrica de até 06 (seis) palavras-versos. Esse limite de 06 palavras se dá de forma aleatória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras, conforme o espírito *poundiano* de poesia, sem que isso signifique extremo esforço para sua elaboração.” Exporei abaixo alguns poemas produzidos pelos artistas aldravistas:

“do sexo” - (Poema de: *Gabriel Bicalho*)

/
corpo
pelo
corpo
//
alma
pela
alma
///
vibrar
:
todo
sexo
sabe
a bênção do amor
que o gratifica
e
o crime do estupro
que o bestifica
:
deixem-no
saudável
!

Outro poema aldravista - (de *J. B. Donadon-Leal*):

iluminura
ferro retorcido
exposto a agruras

pendurada letra
bordada inicial
a
aldrava
a brava
abra

O erotismo em *Andreia Donadon Leal*:

dança de estrelas
brinde na noite
céu enluarado
eu e você
efêmero sopro
de sedução

E, por fim, a poesia de *J. S Ferreira*:

Meu São Gonçalo do Rio Abaixo:

I
(Da infância)

Nasci na rua direita
defronte à igreja do rosário
Minha mãe dizia que eu
cabia na palma de sua mão.

Hoje, o movimento iniciado em 2000 no interior de Minas Gerais, no berço do arcadismo, expandiu-se e possui adeptos em todo o Brasil, como também no exterior. Há a produção de artes visuais, poesias, contos, crônicas, charges, além do desenvolvimento de projetos culturais e educacionais, que já são reconhecidos em todo território nacional. O desenvolvimento desta nova forma artística e dos projetos sociais de incentivo à leitura proporcionaram o recebimento de prêmios importantes como o prêmio VivaLeitura em 2009. Com destaque também para o quadro de Déia Leal intitulado “O irreversível”, exposto no C.S.S Vera – Escultura, em Granada na Espanha, hoje a tela faz parte do acervo permanente do Museu Internacional de Artes Plásticas, em Durango, México.

O *Jornal Aldrava Cultural* possui uma versão online também. Nele encontramos muita Arte, poesia e tudo sobre o Aldravismo. Para acessá-lo, clique no link abaixo e boa leitura! — — — — —

Referências Bibliográficas:

Poemas / In: BICALHO, Gabriel et all. *Ventre de Minas* - poesia. Mariana: Aldrava Letras e Arte, 2009, p.120.
http://www.jornalaldrava.com.br/pag_aldravias.htm
http://www.jornalaldrava.com.br/pag_quem_somos.htm



TORNEAMENTOS MARIANA LTDA
Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG

Telefones:
(31) 3557-2126
(31) 3557-1783



Nada

Andreia Aparecida Silva Donadon Leal / Mariana-MG
Mestranda em Literatura (Cultura e Sociedade) - UFV

Nada espetacular, especial, observável ou digno de nota. Falar sobre nada é temática interessante, mas de difícil argumentação. Não sei da pertinência do assunto escolhido, embora falar sobre nada seja tão inespecífico quanto falar de alguma coisa. Que diferença há entre nada e alguma coisa? Nada remete a vazio, vácuo, invisível, volátil, enquanto alguma coisa, a algo de qualquer natureza, descritível, observável, visível.

Fácil descrever alguma coisa? Nem sempre é fácil descrever alguma coisa, especialmente quando a cabeça está sem inspiração, criatividade e ideias. É impossível conseguir captar tudo, pois sempre haverá alguma coisa não mencionada, mas que mereceria ser descrita, detalhada e mais explorada, posteriormente.

Bons escritores conseguem falar de assuntos específicos ou inespecíficos com propriedade e desenvoltura, quando a inspiração surge do nada; por exemplo, estupendo poema, construído melodicamente e ritmicamente. Aparece sem avisar e, se o papel ou computador não estiverem próximos, a ideia se vai, da mesma forma que surgiu. Some momentaneamente ou por muito tempo, para de uma hora para outra, ressurgir ressuscitada das cinzas. É mais ou menos assim, a funcionalidade do processo artístico. Quando falo artístico, refiro-me a todo tipo de produção cultural, literária, científica, tecnológica. A arte não está apenas na arte de produzir bens culturais, mas também na invenção e no avanço do homem, ao produzir pesquisas significativas e aplicáveis. Há que ser artista para pesquisar, pois pesquisar pressupõe reinventar, analisar, criar.

Artistas são seres extremamente observadores, que procuram sair das obviedades ululantes, para ousar, sem influências paralisantes ou ditatoriais do mercado, em relação à sua produção artística. Sabemos que a maioria dos produtos é criada e reproduzida em alta escala, com objetivo comercial. Não critico a comercialização, pois sem ela seria difícil sobreviver num país, como o Brasil, onde a renda da maior parte da população mal dá para o básico. É chato mencionar o salário mínimo miserável e pachorrento brasileiro, neste texto que pretende versar sobre o significado da palavra nada, no meu pobre entendimento. Não pretendo criticar partidos políticos, mas sim começar a falar da palavra nada, a partir de um exemplo contundente, como o significado do salário mínimo para manutenção de vida ideal do ser humano. Salário mínimo significa mínimo, é tão óbvio que é desnecessário fazer complementações. Mínimo em tudo: alimentação, moradia, educação, lazer, cultura, (viagens, nem pensar!), saúde e por aí vai. É possível ter vida ideal com o mínimo? Chegaremos à conclusão de que mínimo se assemelha a nada. Não chegam a serem sinônimos, mas próximos e íntimos, com parentesco estreito, que à guisa de exemplificação serve como luva.

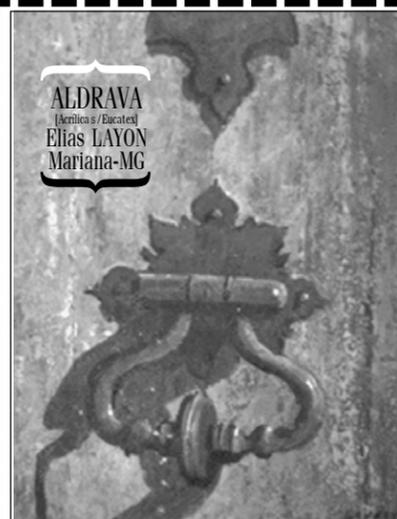
Depois de ter relacionado, precariamente, mínimo com nada; vamos agora dar outro salto. Um pulo para as artes. Meu ponto de observação atualmente é o entorno da rodoviária. Não há muito que dizer, se olhos e sentidos não estiverem a fim ou com desejo de escrever sobre alguma coisa. Cenário similar, pessoas desconhecidas, conversas, lanches e "baforadas" rápidas; fila para compra de passagens; crianças nas pontas dos pés para escolherem guloseimas inseridas propositalmente nos balcões de vidro.

Como de costume, aguardo ônibus, sentada em cadeira de plástico, cor: vermelho-sangue. Cor vermelha é quente, berrante, chamativa, sedutora. É tão visível e destacável, que chega a ser enjoativa. Talvez, por isso, mexa com sentidos. Não sei definir o porquê da minha sensação de enjoamento com a cor vermelha. Vermelho sangria, vermelho sangue. Repeti. Cores de objetos, de paisagens ou de qualquer coisa, chamam atenção. Pessoas, conversas, sons, também mexem com sentidos. Eis meus vícios artísticos: observação ilimitada, com desejo de tentar ultrapassar o que os olhos veem em primeiro plano, ou o básico, para penetrar em searas que vão além do sentido e das obviedades. Muitas vezes, sangro para escrever. Sangue corre das veias, para escorrer livremente pela folha de papel ou pela tela. Tela e papel branco absoluto; nada em suas superfícies. Folha de papel branca à espreita de tinta da caneta e de palavras, que preencham seu vazio. Tela branco gelo à espera de tintas que maculem sua brancura. Imaculados, papel e tela sem intervenções artísticas. Se não houver inspiração continuarão lá, à mercê de cores e de palavras; à mercê do toque de mãos que sairão de estado estático, pois criatividade liberta-se do nada, para dar vazão à ideia e à criação.

Falar sobre nada remete também a outro estado, não ao artístico, mas ao estado de meditação ou de fuga. Prefiro a palavra fuga. Fugir, em momentos específicos, preferencialmente escolhidos, para pensar em absolutamente nada. É necessária tanta concentração para se desligar de tudo, que a sensação é similar à morte.

Primeiras concentrações para pensar em nada, ao entrar no veículo, foram às duras penas, pois cheiro de mijo vindo do banheiro do ônibus, perturbava olfato. Vozes e diálogos entre passageiros também incomodavam. Cansada de observar, escutar e sentir, consegui finalmente desligar-me da realidade que me estressava naquele instante.

- Necessito pensar em nada! Pensamento abandonou funções rotineiras. Corpo inclinou-se juntamente com poltrona. Naquele instante, nada poderia ser mais perfeito do que não ter que dividir assentos da janela ou do corredor com outro passageiro. Desliguei, sem cochilar, para pensar em nada. Nada de espetacular, especial ou digno de nota. Hoje necessito pensar em absolutamente nada. Infértil e maculada estou, como tela ou folha de papel em branco, à espreita de inspiração.



Leia:



Ponto de Distribuição do
Jornal Aldrava Cultural:
Escritório de Advocacia
Roque Camello
Rua Guajajaras, 43
Conjunto 104 - Centro
Belo Horizonte - MG
Fone: 3273-9080
(Das 12 horas às 18 horas)

Jornal Aldrava Cultural

[Contatos]

GABRIEL BICALHO
gabicalho@terra.com.br

ANDREIA DONADON LEAL
deiadonadon@yahoo.com.br

J. B. DONADON-LEAL
jbdonadon@hotmail.com

J.S.FERREIRA
jsferreira@bol.com.br

Expediente:

ISSN 1519-9665



EM CIRCULAÇÃO DESDE
NOVEMBRO DE 2000

E-mail: jornalaldrava@bol.com.br
Site: www.jornalaldrava.com.br

Editado por:

ALDRAVA LETRAS E ARTES
CNPJ 04.937.265/0001-71

Presidente:
GABRIEL BICALHO
Vice-Presidente:
J.S.FERREIRA
Secretária:
HEBE RÔLA
Diretor de Arte:
CAMALEÃO
Diretora de Projetos:
ANDREIA DONADON LEAL
Conselho Editorial e Fiscal:
J. B. DONADON-LEAL III (Presidente) ///
ANDREIA DONADON LEAL
GABRIEL BICALHO
GERALDO REIS
HEBE RÔLA
J.S.FERREIRA
LUIZ TYLLER PIROLA
Tesoureiro:
J.S.FERREIRA
Jornalista Responsável:
THIAGO CALDEIRA DA SILVA
Reg. Profis.: DRT-MG - 13894/MG
Assessor Jurídico:
GERALDO REIS
Assistência Contábil:
SERVCON - Serviços Contábeis
Webmasters:
RODRIGO MAGNO CAMELO REIS
MÁRCIO JOSÉ BARROS

Endereço do Jornal:
CAIXA POSTAL Nº 36
CEP-35.420-000 - MARIANA (MG)

Desenho / Igrejas:

LÉLIO

Revisões e conceitos emitidos em artigos,
poemas e colaborações diversas são de inteira
responsabilidade dos respectivos autores.

h h h h h

Desenho: ALDRAVA - José Wash Rodrigues
Impressão: Editora Dom Viçoso - 3557-1233

Montagem / Diagramação: Gabriel Bicalho

